



**Agência Nacional de
Vigilância Sanitária**

INFORME TÉCNICO Nº 2

Medidas para a interrupção do surto de infecção por MCR e ações preventivas

Gerencia de Investigação e Prevenção das Infecções e dos Eventos
Adversos
Gerência Geral de Tecnologia em Serviços de Saúde

Fevereiro de 2007



**AGÊNCIA NACIONAL DE
VIGILÂNCIA SANITÁRIA**

Diretor-Presidente

Dirceu Raposo de Mello

Diretores

Cláudio Maierovitch Pessanha Henriques

Maria Cecília Martins Brito

Gerência Geral de Tecnologia em Serviços de Saúde

Flávia Freitas de Paula Lopes

Gerência de Investigação e Prevenção das Infecções e dos Eventos
Adversos

Leandro Queiroz Santi

Equipe técnica:

Suzie Marie Gomes

José Romerio R. Melo

Mariana Verotti

Carolina Palhares Lima

Cíntia Faical Parenti

Heiko Thereza Santana

Fabiana Cristina de Sousa

Melissa de Carvalho Amaral

Mateus Menezes de Jesus

Elaboração:

GOMES, Suzie Marie; MELO, José Romerio; VEROTTI, Mariana;
LIMA, Carolina Palhares; PARENTI, Cíntia Faical; SANTANA,
Heiko Thereza; SOUSA, Fabiana Cristina de; SANTI, Leandro
Queiroz.

SUMÁRIO

FATORES DE RISCO PARA A INFECÇÃO POR MCR	4
MEDIDAS PREVENTIVAS	4
INTERRUPÇÃO DO SURTO	5
FATORES QUE INTERFEREM NA EFETIVIDADE DOS DESINFETANTES DE IMERSÃO	5

Medidas para a interrupção do surto de infecção por MCR e ações preventivas

Fatores de risco para a infecção por MCR

Alguns fatores de risco para a infecção humana incluem trauma, inoculação direta, falhas na técnica de esterilização de instrumentais cirúrgicos e contaminação de soluções (MURILO et al., 2000).

Outros fatores de risco a serem considerados por profissionais de saúde relacionam-se aos processos de desinfecção e esterilização de equipamentos utilizados, já que são relativamente resistentes ao cloro e ao glutaraldeído ⁽⁷⁻¹⁰⁾, entretanto, são frequentemente detectadas em suprimentos de água em hospital ^(6-8, 11, 12).

Ainda, as MCR têm sido isoladas de endoscópios submetidos à limpeza e desinfecção e de máquinas desinfetadoras de endoscópios (FRASER et al., 1992; NYE et al., 1990; SPACH et al., 1993).

A adesão de profissionais de saúde aos procedimentos de esterilização validados e padronizados para instrumentais cirúrgicos, equipamentos médicos, soluções para marcação da pele e suprimentos de água, assim como a anti-sepsia da pele do paciente antes da cirurgia, podem prevenir infecções causadas pelas MCR (MURILLO et al., 2000).

Medidas preventivas

Para a prevenção de novos casos, recomenda-se:

É de responsabilidade da CCIH e da Comissão de Farmácia e Terapêutica a elaboração, implementação e o controle das normas que estabelecem os critérios de escolha dos produtos, dos métodos de esterilização e desinfecção de artigos e superfícies (NOGUEIRA, 1997, ANVISA, 2000).

A Comissão de Controle de Infecção Hospitalar (CCIH) e a Comissão de Farmácia e Terapêutica (CFT) de cada hospital devem recomendar o uso de anti-sépticos, desinfetantes e esterilizantes (MS, 1998).

As instituições de saúde, com a orientação das Comissões de Controle de Infecção Hospitalar (CCIHs), devem intensificar as medidas de prevenção e controle de infecções relacionadas a procedimentos invasivos, com revisão de protocolos internos e programação de capacitações dos profissionais de saúde.

Os desinfetantes e esterilizantes devem ser usados de acordo com as orientações dos fabricantes, respeitando-se as concentrações indicadas, o período de estabilidade e o tempo de exposição do artigo médico ao produto.

A concentração da solução de glutaraldeído deve ser monitorada, pois abaixo de 1% a 1,5 %, ele é ineficaz para desinfecção de alto nível (RUTALA E WEBER, 1999; KONKEWICZ, 2002). O monitoramento deve ser feito por meio de fitas que indicam sua concentração. A periodicidade do teste da concentração deve ser definida de acordo com a frequência de uso da solução. As fitas não podem ser utilizadas para estender a vida útil do glutaraldeído após a data de validade.

Interrupção do surto

Nos casos de (vídeo) laparoscopia, artroscopia, cistoscopia, e outras “escopias” cirúrgicas, é recomendada a esterilização de todas as partes dos equipamentos consideradas críticas – *artigos que penetram tecidos estéreis ou sistema vascular, Spaulding, 1968* - por método químico ou físico dependendo das recomendações do fabricante (imersão em ácido peracético ou glutaraldeído ou utilização de autoclaves de plasma de peróxido ou a vapor).

Fatores que interferem na efetividade dos desinfetantes de imersão

Vários fatores podem interferir na efetividade dos desinfetantes de imersão, como o glutaraldeído (RUSSEL et al, 1997; COTTONE et al, 1991; MILLER 1995), sendo eles:

- Inadequação de fabricação;
- Utilização de produto com vencimento do prazo de validade;
- Manipulação incorreta;
- Temperatura e pH (ex: erro de alcalinização) durante o processo de desinfecção;
- Contaminação bacteriana durante sua manipulação.
- Qualidade da limpeza dos artigos e equipamentos previamente ao uso do desinfetante.
- Tempo de imersão por período inferior ao recomendado;
- Resistência microbiana ao produto;
- Concentração da solução
- Diluição do produto durante sua utilização ao longo dos dias;
- Contaminação por microrganismos presentes nos artigos desinfetados.

Todos estes fatores devem ser avaliados e controlados para se garantir a qualidade do reprocessamento.

Há relatos de resistência microbiana ao glutaraldeído relacionados à limpeza inadequada de artigos e uso incorreto e abusivo de produtos químicos, tanto na área de saúde quanto em domicílios (MIYAGI et al, 2000; TIMENETSKY, 1990). São cada vez mais frequentes estas práticas incorretas de controle de infecções (LEVY, 2001; SCHMIDT, 2004).

Os estudos indicam que o glutaraldeído tem atividade anti-micobacteriana, mas seu índice bactericida é variável conforme a espécie e a cepa bacteriana (BLOCK,

2001). Alguns trabalhos científicos questionam sua eficácia contra espécies de micobactérias (RUBBO et al, 1967). Seu uso em condições erradas e de modo constante pode selecionar cepas destes microrganismos com menor susceptibilidade a ele (GRIFFITHS, 1997) o que o torna menos eficaz como desinfetante. Em consequência, estes microrganismos não são eliminados dos artigos durante o processo de desinfecção, e podem ser transmitidos aos pacientes na reutilização destes.

Maiores informações sobre o produto químico Glutaraldeído, consulte Informe Técnico sobre a substância disponível na página da Anvisa.

É importante a realização de **treinamentos** sobre o uso correto de agentes desinfetantes, para minimizar o risco de infecções cruzadas.

O uso incorreto dos saneantes pode resultar na seleção de linhagens bacterianas resistentes a este agente e sua consequente ineficácia.

A identificação de infecção pós-procedimento cirúrgico por MRC deve ser comunicada à autoridade sanitária local ou diretamente à Anvisa, na Ficha de Notificação proposta.